

## ***Escola, culturas e diferenças: experiências e desafios na educação básica***

**Roberta Sales Lacê Rosário<sup>1</sup>**

***FEBF/UERJ***

O livro reúne artigos de vários professores-pesquisadores atuantes nos anos iniciais da educação básica, que propõem um estimulante e compromissado debate diante das questões que envolvem as relações étnico-raciais presentes nas práticas pedagógicas. Dessa forma, a obra está organizada em um conjunto de textos produzidos a partir de reflexões sobre a prática cotidiana, tendo como principal ponto de reflexão a alteração da LDB – Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, pela Lei 10639/2003, atual Lei 11465/2008 – que, além de outros objetivos, propõem a reeducação das relações étnico-raciais através da valorização da História e da cultura dos africanos e dos afro-brasileiros no currículo da educação básica.

Dentre as inúmeras questões suscitadas aos leitores, está posto, enquanto desafio urgente, o reconhecimento da diferença e, por conseguinte, a promoção da equidade nas práticas cotidianas da escola. Podemos, então, perceber a preocupação e sinalização dos autores, em seus artigos, da necessidade de discutirmos uma reconfiguração dos processos de ensino-aprendizagem nos anos iniciais de formação das crianças e na educação básica. Nesse sentido, os textos apresentam demandas que surgem no desenrolar das práticas de professores e professoras, ao privilegiarem o fortalecimento do direito à diferença, no que diz respeito ao processo de produção e construção do conhecimento pelos diferentes sujeitos.

Ao nos voltarmos para o debate das re-

lações étnico-raciais como ponto de interseção nas propostas de aprofundamento dos estudos sobre a diferença nas relações culturais, compreendemos a proposição dos autores, de diferentes maneiras em seus artigos, apontando para uma produção de identidade, que há muitos anos se constituiu, imbuída por uma visão e formação etnocêntrica. Desta forma, tal percepção erigiu-se e construiu um cenário de produção e desenvolvimento de práticas de discriminação e de desigualdade entre os sujeitos. Onde, ao menor ato de manifestação de desvalorização e subalternização dos negros e afrodescendentes, se dava a legitimar por concepções hierarquizadas do saber-poder.

Os artigos se dispõem, na organização do livro, subdivididos em seções temáticas de articulação, são elas: **“Escola e relações raciais nos anos iniciais”**; **“Escola e identidades culturais na educação básica”** e **“Crianças e histórias afrodescendentes na educação básica”**. Ao longo destas seções, poderemos encontrar os artigos produzidos pelos professores e pelas professoras, em sua grande maioria, atuantes no Departamento do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernandes Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ.

Na primeira seção do livro – **“Escola e relações raciais nos anos iniciais”** – podemos observar os artigos das professoras que problematizam as relações raciais nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Iniciaremos pelo artigo da professora Maria Cláudia de Oliveira Reis, **“Por que estudar**

***a História da África na Escola?***", onde a autora traz relatos de sua experiência e destaca, em seu artigo, a importância de conhecermos nossa própria História. Para tanto, nesse movimento de busca pelo entendimento de nossa História, é imprescindível que reconheçamos que *"o continente africano constitui uma parte significativa de nossas origens"*. Em seus relatos, a autora aponta para uma visão marcadamente estereotipada e preconceituosa de seus estudantes do 5º ano de escolaridade que, através de suas falas e escritos, sinalizam a urgência em se desconstruir (ou, da desconstrução de) visões e posturas que ainda habitam o imaginário social, influenciadas por perspectivas etnocêntricas.

No segundo artigo desta seção: ***"Cenas da diferença na escola: a feia cor do preconceito"***, a professora Mônica Andréa Oliveira Almeida apresenta duas cenas ocorridas em duas turmas distintas do 3º ano de escolaridade. A autora aponta as cenas como ponto de discussão em torno das relações étnico-raciais que nos exigem um olhar atento para os conflitos gerados por diferentes situações. Tais conflitos são permeados por atitudes que denunciam recusas, desvalorização dos diferentes modos de perceber a si próprio e ao outro como pertencentes às raízes afrodescendentes. A autora salienta que é preciso perceber a escola como *"espaço de diálogo entre diferentes manifestações culturais onde a diversidade presente neste ambiente possa proporcionar o desenvolvimento de sujeitos..."*. Com isso, afirma que as experiências vividas no cotidiano da sala de aula, os embates e enfrentamentos, são necessários para a promoção de uma prática pedagógica que privilegie as diferenças e, gradativamente, combata a *"feia cor do preconceito"*.

No terceiro artigo: ***"Mas, ele não nas-***

***ceu assim... ficou escurinho"***: O papel da escola diante do "diferente", a autora Luana Carvalho de Melo nos traz reflexões a partir do desenvolvimento do projeto *"África, Berço do Conhecimento"*, com seus alunos. A autora evidencia, em diferentes atividades em sala de aula, através das falas de seus alunos, uma prática de negação do "outro", enquanto o "outro diferente", ou por ser negro, ou gordo, ou mesmo por não atender aos padrões estéticos de beleza europeia, como por exemplo: cabelo liso, pele clara. Nesses diálogos e enfrentamentos, a autora se interroga como abordar o conflito entre os "diferentes", assim como *"se rebelar contra a intolerância, a ideia do negro apenas como escravo"*.

A autora Jaqueline de Fátima dos Santos Moraes nos convida a *"reacender e alimentar nossas ações e utopias na construção de novas formas de sociabilidade mais fraternas e emancipatórias"*, no quarto artigo desta seção: ***"Negritude, narrativas e atravessamentos no cotidiano do Ensino Fundamental"***. Neste sentido, revela um pouco de suas inquietudes e desafios proporcionados pelos acontecimentos vivenciados no cotidiano da sala de aula. No encontro com a *diferença*, enquanto professora-pesquisadora da própria prática em classes de alfabetização, agora o 1º ano de escolaridade, na busca pelo diálogo pelo entendimento de questões relacionadas aos saberes e práticas subalternizadas excludentes, observa um tempo que pressupõe avanços e retornos à tradição, simultaneamente.

No quinto artigo da seção, os autores Cristina Maria Clemente Ribeiro e Luiz Fernandes de Oliveira, nos trazem um questionamento – ***"Uma outra lógica é possível? Linguagem matemática e culturas africanas nos anos iniciais"***. Neste



sentido, ao discutirem a linguagem enquanto construção social do sujeito, os autores trazem a produção matemática dos povos africanos, invisibilizada pela visão eurocêntrica de ciência. Assim como o artigo anterior, os autores discutem a subalternização de saberes e conhecimentos, aqui com ênfase nos povos não ocidentais. Buscam, através do resgate da História, o entendimento das abordagens no ensino da Matemática através do surgimento das primeiras bases tecnológicas e científicas no continente africano e, desta forma, apontam para *"uma outra História a ser contada"*.

A segunda seção do livro – **"Escola e identidades culturais na educação básica"** – traz uma reunião de artigos que discutem questões de identidades culturais e suas implicações no contexto da escola. No primeiro artigo, **"Aqui nessa escola não se faz oração, não professora?" – A perspectiva cultural da religião e da diferença no currículo**, as autoras Cristiane Gomes de Oliveira e Rita de Cássia Prazeres Frangella trazem tensões acerca da produção curricular que se apresenta como produção cultural dos diferentes sujeitos, negociada no cotidiano da sala de aula. Para tanto, o artigo parte do desenvolvimento de projetos que buscam oportunizar às crianças *"um espaço de encontro/desafio com a diferença, em processos que impliquem a significação não como homogeneização"*, mas em que seja possível o diálogo entre as diferentes formas de produção cultural.

O artigo intitulado **"Minha professora pede para eu ensinar jongo para ela. – Processos identitários e a mediação cultural"**, produzido pelos autores: Claudia Cristina dos Santos Andrade, Marcus Vinicius Bezerra Carvalho e Renato de Alcântara, traz três cenas que apresentam elementos em comum, a partir da dança do jongo em

diferentes contextos – *entre a tradição e a reinvenção*. A escolha de dar início ao artigo pelas cenas, como apontam os autores, *"é uma forma de partilhar a vivência, aproximando-nos, assim, dos sentidos por ela emanados"*, o que, de certa forma, contribui para o reconhecimento e reforço dos laços e narrativas que carregam marcas identitárias. No contínuo movimento de identificação e mediação discutido pelos autores, é possível percebermos a evidência de uma prática cultural que se re-afirma e se revela através dos múltiplos processos que envolvem a manifestação cultural.

As autoras Cláudia Hernandez Barreiros e Jonê Carla Baião, no artigo: **"Preto pra não dizer negro, que é esquisito". – Polifonia racista e construção de identidades de adolescentes pobres do Rio de Janeiro** – nos possibilitam refletir, a partir do desdobramento de duas cenas vivenciadas com uma turma do 6º ano de escolaridade. No texto, as autoras problematizam questões relacionadas aos diferentes modos de ser e se reconhecer negro e o que isso implica na relação com o outro, através dos relatos e registros dos alunos. O que, de fato, nos possibilita perceber como são constituídas as relações entre os pares desta turma e assim, *"o enfrentamento dos conflitos gerados no interior das diferenças culturais"*. As professoras acreditam na interlocução e na partilha de suas investigações, como possibilidade de retomar o diálogo e, em grupo, *"constituir saberes didáticos para lidar com a diferença na escola"*.

No artigo **"Palavras são pedaços de vida! Quais palavras temos permitido entrar na escola?"**, a autora Margarida dos Santos nos interroga: *"ao reconhecermos os usos da escrita e da leitura de nossos alunos, conseguimos valorizá-los?"*. Neste sentido, a autora nos convida a refletir



sobre as possibilidades de superação do fracasso escolar das crianças das classes populares que, em seus escritos e falas, são silenciados e marcados pela escola. Ela traz, no artigo, os escritos de seus alunos como forma de anunciar produções culturais e sociais de leitura e escrita que precisam ser reconhecidas e valorizadas no âmbito da escola. Desta forma, a autora problematiza a questão dos saberes legitimados e autorizados a entrar na escola e, assim, ressalta a necessidade de estimular uma produção que privilegie as diferentes formas de expressar o conhecimento, ao invés de reproduzir escritos que não fazem sentido.

As autoras Adriana da Silva Tomaz, Claudia Cristina dos Santos Andrade, Cristina Maria Clemente Ribeiro, Marliza Bode de Moraes e Mônica Regina Ferreira Lins produziram juntas o artigo: **"Reflexões sobre práticas avaliativas e o jubramento no Colégio de Aplicação da UERJ"**. No texto, as autoras refletem sobre o processo de avaliação e, assim, trazem, ao diálogo para a análise, suas práticas cotidianas e as narrativas dos alunos quando indagados sobre a avaliação e a jubilação no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. Para tanto, o texto traz a proposição dos autores em discutir a partir de suas práticas pedagógicas, refletidas por uma proposta de avaliação inclusiva, porém vislumbrando o desafio de pensar os sentidos de tais práticas de avaliação e jubilação enquanto possíveis mecanismos de controle e classificação. Na tentativa de problematizar os sentidos dados aos processos avaliativos, os professores, ao evidenciarem as narrativas dos alunos, permitem trazer ao centro do debate, *"os silêncios, os medos, as (in)certezas e as diferenças"* que permeiam o fazer cotidiano dos alunos e professores do Colégio de Aplicação da UERJ.

Na terceira seção do livro – **Crianças e histórias afrodescendentes na educação básica** – podemos observar, no primeiro artigo, da autora Mônica Regina Ferreira Lins, um apelo ao resgate, ao enfoque dos *"personagens que durante muito tempo foram invisibilizados nos livros escolares de História"*. Em **"Rio, civiliza-te! E samba. Pelas ruas, nos cortiços, nas revoltas, nas outras histórias, uma cidade viva na memória"**, a autora nos leva a um passeio ao passado, uma oportunidade de revisar a memória da cidade do Rio de Janeiro, enquanto expressão de momentos e movimentos de ritos e resistência. Neste sentido, a autora nos convida a refletir sobre a escrita da História do Brasil, a partir da sistematização e generalização de povos subjugados e, assim, a problematização das relações de inferioridade de um povo em detrimento do outro.

No artigo **"África e Lei 10639/03. Da militância negra aos espaços escolares"**, o autor Luiz Fernandes de Oliveira aborda a questão do mito da "democracia racial", assim como o enaltecimento da miscigenação, como insuficientes para silenciar o "protesto negro". Desta forma, o artigo destaca diferentes movimentos, especificamente os movimentos negros, como pontos de articulação e transformação de períodos que marcaram a História do Brasil. Neste sentido, busca a desconstrução da ideia de uma comunidade negra pós-abolição, analfabeta e desorganizada, ao apresentar, nas diferentes épocas, a luta e militância de movimentos que, apesar das opressões e marginalização, proporcionaram mudanças importantes no cenário educacional do país. Certamente, tais movimentos foram fundamentais para que, atualmente, após anos de lutas e resistência, possamos refletir a partir de trajetórias de discriminação, porém de ressignificação, e, assim, colocarmos "a



*questão racial no cotidiano de discussões  
acadêmicas e de políticas públicas”.*

---

<sup>1</sup> robertarose1@yahoo.com.br - Mestranda do Programa de Pós-Graduação Educação, Cultura e Comunicação nas Periferias Urbanas - FEBF/UERJ. Participa do Grupo de Estudo Currículo, Formação e Educação em Direitos Humanos - GECEDH, atuando como pesquisadora da sala de aula Revoluti do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAp/UERJ.